BONI E A VÊNUS I

J. B. de Souza Freitas

[*] Publicado originalmente no livro *Ku + outros 33 trens* (Editora Cajuína, 2020, p. 23-26).

Grupo Escolar em Lindoia (1952-56); curso de admissão e ingresso no Ginásio Estadual de Águas de Lindoia: cinco anos, que seriam quatro, não fosse uma repetência (1957-62); um ano de curso científico matutino em Serra Negra (1962-63); ingresso em curso noturno em Escola de Comércio (1963-66) igualmente serrana.

Ida para Bauru, em 1967, por força do desvelo de irmão, que se tornaria figura de merecida fama na área da reabilitação de anomalias craniofaciais.

Em meados de 1971, realiza um sonho paterno: diploma-se em direito na Instituição Toledo de Ensino – ITE, em curso que demandara cinco anos e tantas correspondentes jornadas matutinas, de segunda a sexta, das 7h às 12h.

(Dentre passagens tantas, duas. Colega um a solicitar – justamente para o rigoroso Damásio – esclarecimento sobre o 'estrupo'; e colega outra a dengosa inquirir "Professor, na prova vai entrar tudo?" – para o de pronto Tourinho: "Vai, minha filha. Vai entrar tudo: é o *fumus bonus iuris*"[1].)

Nos quase cinco anos em Bauru, de 1967 a meados de 1969, colabora no recém-fundado *Jornal da Cidade*, dirigido por Nilson Costa.

Sua estreia no JC, pequeno texto, *Canto de página*, que narrava passagem por ele presenciada, torna-se a partir daí título permanente para crônicas diárias. Aos domingos, a par da crônica, publica também uma colunazinha de humor *nonsense*: *Bip-Pop*.

Em princípios de 1968, conhece o chargista e cartunista Nicolielo, nativo de Nova Europa, e também aluno da ITE. Passam a fazer dupla numa página de humor que circulava aos domingos, enquanto continua ele com suas crônicas diárias e Nicolielo ocupa o cargo de chargista também diário.

Chamam a atenção do mais antigo órgão de imprensa bauruense: *Diário de Bauru*. Fundado por Nicola Avallone Jr., pertencia então a um empresário do setor de transporte, representado pelo advogado Antônio Miziara, que convence a dupla a ir para o DB.

[1] Fumaça do bom direito.

Zarcilo Barbosa, redator-chefe do matutino, não deixou por menos. Manchetou na primeira página: *Souza Freitas* e *Nicolielo no Diário de Bauru*. A título de apresentação, Nicolielo se caricaturizou tal como numa ficha criminal: de frente, de perfil. Redigiu ele o texto *Biografia por alto*, que integraria o livro *Objeto Voador Identificado* (capa e ilustrações de Nicolielo e impressão na gráfica da ITE, cortesia de Antônio Toledo Filho).

No DB, além de crônicas diárias, passa a escrever uma colunazinha de variedades (*Tabuleta*), cujo conteúdo garimpava em jornais de São Paulo e do Rio.

Entre 1969-70, outra atribuição que assume, juntamente com o parceiro Nicolielo: a direção da revista mensal *Realce*, criada pelo veterano jornalista bauruense Broncolino.

O diploma de bacharel no ano seguinte o leva a mirar São Paulo, capital, como meta – sobretudo diante do fato de Nicolielo ter já para lá ido, se estabelecido como advogado, ao tempo em que colaborava com ilustrações e eventuais charges no *Diário de São Paulo* (integrante do já frangueante império Chateaubriand).

Instado a 'largar mão' daquilo, titubeou um tempo – intervalo que coincidiu com o lançamento pela *TV Globo* de um concurso destinado a redatores de humor. Revirou arquivos e recortes e matraqueou em sua Olivetti frases, textos curtos, diálogos – o que, enfim, achou que pudesse ser de interesse para aquela poderosa e praticamente inconteste soberana das mídias televisivas no Brasil. Estávamos em princípios de 1972.

Isso feito, para São Paulo, capital, seguiu. Se instalou no bairro do Bexiga, num casarão que mereceria o título de 'república bauruense': todos os seis procediam da "cidade sem limites".

Para garantir uma preestabelecida remuneração, continuou a colaborar com o DB. Seus textos – precedidas no título de pretensioso alerta: *Souza Freitas, de São Paulo* – eram enviadas de ônibus para Bauru.

Em agosto daquele mês de seu aniversário, foi para as bancas uma publicação mensal famosíssima: a revista *Realidade*. Nela

constava extensa matéria (“Eles fazem humor”) sobre o humorismo no Brasil. Falava-se da falta de pessoal especializado no campo e relatava com detalhes o fracasso de concurso realizado pela emissora.

Conforme entrevista de um diretor global (que poderia ter sido Mauro Borja Lopes), de todo o material chegado, só o enviado por um candidato de Bauru podia ser considerado razoável: cerca de cem páginas de variados textos. Tentaram – sabe-se lá se por carta ou telegrama (meios disponíveis na época) – entrar em contato com ele. Não conseguiram e desconfiaram que o tal candidato havia desistido.

Seria o Benedito?